



ADAPTAÇÃO E TRADUÇÃO EM LITERATURA SURDA: A PRODUÇÃO CULTURAL SURDA EM LÍNGUA DE SINAIS

Claudio Henrique Nunes Mourão – UniRitter/CESF
CNPq

Resumo: O presente trabalho – recorte de pesquisa sobre a forma como os surdos vêm construindo a Literatura Surda - tem como objetivo analisar produções de histórias feitas por surdos, identificando recursos de construção e verificando como contribuem para a expressão da cultura surda, assim como analisar entrevistas com os produtores das histórias. A base teórica foi buscada nos Estudos Surdos, em autores como Karnopp (2010), Quadros e Sutton-Spence (2006), Silveira (2006), Strobel (2008), Wilcox (2005). O material empírico veio de atividades desenvolvidas por alunos de Licenciatura em Letras-Libras, EAD, da UFSC, no pólo da UFSM, realizadas na disciplina Literatura Surda. As produções aqui analisadas foram adaptações de histórias, que incluíram personagens surdos e situações novas, assim como uma tradução. As entrevistas mostram um esforço de produção e estratégias variadas, junto com interesse na cultura surda e na educação dos surdos. Conclui-se que, naquele espaço e tempo, ocorreram momentos importantes de aprendizagem e experiência de formas discursivas literárias, em que os surdos puderam expressar seus discursos e seus valores, enriquecendo a Literatura Surda.

Palavras chave: Cultura Surda; Língua de Sinais; Literatura Surda.

Várias perguntas podem ser feitas sobre a Literatura Surda, porque ela é um assunto novo e só começou a ser explorado há pouco tempo. De que forma está sendo construída e reconstruída a Literatura Surda? O que representa a Literatura Surda? Que tipos de produções podem ser identificadas na Cultura surda? Essas são algumas perguntas que fiz para desenvolver uma pesquisa de mestrado em torno da Literatura Surda. Pela pesquisa, indico que as identidades surdas e os sujeitos surdos estão envolvidos em práticas sociais, adquirindo as subjetividades de fábricas culturais e trazendo, em forma de discursos, as representações surdas.

Estudar este tema é algo recente, embora os surdos já contassem e recontassem narrativas, piadas e vários gêneros literários em suas comunidades. A noção de Literatura Surda surgiu em alguns países da Europa e nos Estados Unidos, principalmente onde havia escolas de surdos. Na Universidade de Gallaudet (*Gallaudet University*)¹, em Washington D.C., com o passar dos anos, os sujeitos surdos, acadêmicos e pesquisadores começaram a dar

¹ Gallaudet University – para saber mais, acesse: <http://gallaudet.edu/>

sentido à Literatura Surda, espalhando-a para seus próximos, na comunidade surda, como nos encontros de surdos, escolas de surdos, associação de surdos etc. Alguns alunos surdos estrangeiros formados na Universidade Gallaudet voltaram para seus países, divulgando conceitos para a comunidade surda local. Os acadêmicos e pesquisadores começaram a divulgar materiais empíricos, fazendo distribuição de livros, vídeos, etc. de fontes da Literatura Surda.

Assim como é difícil fazer um conceito de Literatura em geral, também não há uma definição única para Literatura Surda. Ela envolve representações produzidas por surdos, onde se produzem significados partilhados em forma de discurso - sem eles, não há representação surda. Os significados são modificados dentro do círculo da cultura e o sujeito não cria sozinho a cultura, já que sempre há o coletivo produzindo significados. Cito Strobel (2008, p. 19):

(...) um ser humano, em contato com o seu espaço cultural, reage, cresce e desenvolve sua identidade, isto significa que os cultivos que fazemos são coletivos e não isolados. A cultura não vem pronta, daí porque ela sempre se modifica e se atualiza, expressando claramente que não surge com o homem sozinho e sim das produções coletivas que decorrem do desenvolvimento cultural experimentado por suas gerações passadas.

Assim, pode-se afirmar que a Literatura Surda envolve representações de surdos de forma discursiva. A pesquisa que desenvolvi está ligada a esse conceito, vinculado aos Estudos Surdos, que fazem parte do campo dos Estudos Culturais. Faço um recorte dos estudos realizados para este artigo, em que o objetivo é apresentar e analisar adaptações e tradução de histórias feitas por surdos, analisando os recursos com os quais elas foram construídas e verificando como elas contribuem para a Literatura Surda e para a expressão da cultura surda. Também analiso entrevistas feitas com os sujeitos que participaram de tais produções.

Faço uma discussão breve sobre literatura surda e vou explicar como foram obtidos os materiais que vamos analisar, assim como as entrevistas que fizemos com seus autores. Ao final, concluímos sobre a importância de que a Literatura Surda seja incentivada e divulgada, no sentido de fortalecimento das culturas e identidades surdas, assim como do conhecimento dessas produções pela sociedade mais ampla.

Um pouco mais sobre literatura surda

A Literatura Surda traz histórias de comunidades surdas. Essas histórias não interessam só para elas, mas também para as comunidades ouvintes, através da participação tanto de sujeitos ouvintes quanto de sujeitos surdos. Os sujeitos surdos transmitem modelos e valores históricos através de várias gerações de surdos, com artistas plásticos ou outros artistas. Nas comunidades surdas existem piadas e anedotas, conhecimentos de fábulas ou conto de fadas passados através da família, até adaptações de vários gêneros como romance, lendas e outras manifestações culturais, que constituem um conjunto de valores e ricas heranças culturais e lingüísticas.

Existem várias obras surdas, algumas conhecidas somente em seus próprios territórios, outras conhecidas mundialmente, sendo compartilhadas em várias comunidades surdas através de encontros internacionais, esportivos, educacionais, artísticos etc., como já mencionamos anteriormente. Também a comunidade surda brasileira reúne grandes poetas, contadores de histórias, escritores, atores e artistas surdos.

Uma informação importante que se deve lembrar é que a comunidade surda é bilíngüe (Wilcox, 2005) e convive no meio social com ouvintes e surdos. Como os surdos trabalham no meio artístico como atores, escritores de livros, de artigos, de peças de teatro, diretores de filmes curtos ou de teatro, entre outros, eles também têm contatos e vivem nas fronteiras e territórios da comunidade ouvinte e têm sua própria experiência vivida.

Existem livros de literatura clássica traduzidos da língua portuguesa para a língua de sinais (disponíveis em DVD), como os textos produzidos e distribuídos pela Editora Arara-Azul. Também há outros, como *Cinderela Surda* e *Patinho Surdo*, que são adaptações dos clássicos da literatura infantil. Essas obras têm sido usadas principalmente em escolas de surdos, mas também representam literatura para os sujeitos ouvintes das escolas comuns, a fim de que possam aprender a língua de sinais e também para que possam reconhecer e respeitar a comunidade surda ou o povo surdo.

A partir da análise dos materiais disponíveis da literatura surda, podemos destacar a existência de traduções, adaptações ou criações. O que são esses três tipos de produções?

Início pelas traduções. Por exemplo, materiais da Editora Arara Azul como *Alice no país das maravilhas* (2002); *Iracema* (2002); *O Alienista* (2004) caracterizam-se como **traduções** para a Libras de clássicos da literatura. Tais materiais contribuem para o conhecimento e divulgação do acervo literário de diferentes tempos e espaços, já que são traduzidos para a língua utilizada pela comunidade surda.

Outro material já citado acima, os livros *Cinderela Surda*, *Rapunzel Surda* (2003), *Patinho Surdo* e *Adão e Eva* (2005) são **adaptações** de histórias ou de contos de fadas que

existem há anos. Em todos esses livros, os personagens principais são surdos e o enredo da história tem transformações para se adaptar à cultura surda. Os autores desses livros, conhecendo os clássicos da literatura mundial e seu valor, realizam adaptação para cultura surda, de forma que o discurso traga representações sobre os surdos.

No caso de **criação**, encaixam-se textos originais que surgem e são produzidos a partir de um movimento de histórias, de idéias que circulam na comunidade surda. Se os surdos tivessem uma experiência mais intensa com narrativas, com textos literários (em sinais ou através de leituras), nas escolas ou em seus lares, com os professores ou pais contando histórias, teriam mais possibilidade de usar a imaginação, a criatividade e a emoção e poderiam se tornar uma fábrica de histórias, produzindo ideias, narrativas e poemas, que ainda são poucos.

Nessa classificação que não é definitiva – tradução, adaptação e criação – podemos citar alguns textos que são considerados como criação. Como exemplo de material pouco encontrado aqui no Brasil, temos o livro *Tibi e Joca* (Bisol, 2001), o qual conta a história de vida de um surdo, que corresponde a uma realidade na comunidade surda. Um outro livro, *Casal Feliz* (2010), é criação de uma história contada e ilustrada por um mesmo surdo, autor Cleber Couto, que fala sobre encontros entre a mão vermelha e mão azul.

A literatura surda é importante como é importante a literatura na vida das pessoas. Neste sentido, cito Mourão e Silveira (2009, p. 2) sobre este papel: :

(...) já se sabe há bastante tempo que a literatura tem poder de influenciar o público que lê, fazendo as pessoas viverem suas histórias e acreditarem nas representações que traz.. Mesmo que seja difícil comprovar como os livros produzem opiniões e comportamentos, o fato é que isso acontece com frequência.

Considerando a relevância da literatura na vida dos sujeitos, penso que professores surdos poderiam trabalhar com Literatura Surda com os alunos surdos, sejam crianças ou adolescentes. Posso relembrar o que afirmam Sutton-Spence e Quadros (2006, p. 116):

Uma das contribuições principais da poesia sinalizada para o empoderamento do povo surdo é a maneira com que os poemas retratam a experiência das pessoas surdas. (...) Diante de (...) ameaça à identidade pessoal e cultural dos surdos, os poemas que descrevem e validam a experiência surda são fortemente usados para o empoderamento do povo surdo.

Exemplos de materiais de Literatura Surda: análises

Para trazer um pouco da Literatura Surda produzida no Brasil, apresento e analiso uma pequena amostra de produções culturais dos surdos em histórias contadas em Libras. O material analisado foi obtido das atividades desenvolvidas por alunos do Curso de Licenciatura em Letras-Libras e por entrevistas realizadas com esses alunos. Optei pela coleta de materiais produzidos (filmados, disponíveis em DVDs), na disciplina de Literatura Surda do referido curso, realizado em EAD pela Universidade Federal de Santa Catarina, pólo de Santa Maria, porque todos os alunos desse curso são surdos e estiveram envolvidos com a atividade. Além disso, realizei entrevistas que auxiliam a análise dos textos produzidos, verificando o depoimento dos alunos sobre as temáticas selecionadas para histórias apresentadas, o uso da língua de sinais e dos recursos expressivos utilizados.

A disciplina Literatura Surda foi ministrada pela Prof^a. Dr^a. Lodenir Karnopp. Dentre as atividades realizadas, os alunos fizeram trabalho de contação de histórias em Libras, em grupos, com filmagem, gravação em DVD e apresentação aos colegas. O material que irei analisar são as narrativas em Libras de grupos de alunos, disponibilizadas em DVD, do polo de Santa Maria e usei este material, porque o local era de fácil acesso para que eu realizasse entrevistas com os alunos autores.

Num primeiro levantamento de materiais, disponibilizados pela professora e autorizados pelos alunos, assisti aos trabalhos dos 11 grupos, em DVD, e depois escolhi quatro produções para análise. Apresento a seguir uma síntese de histórias apresentadas por 4 grupos,. Vamos tomar conhecimento delas. Que histórias foram apresentadas por quais grupos e de que forma? Vamos ler abaixo:

Tema: Chapeuzinho Vermelho (Fig. 1)² – Adaptação

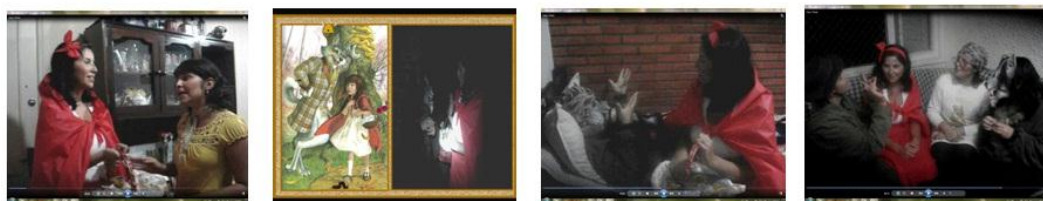


Figura 1: Cenas de “Chapeuzinho Vermelho” (Grupo 2)

Trata-se de uma produção em forma de filme, com uso de ilustrações e cenário típico, em que todos os surdos usavam figurino baseado na história de Chapeuzinho Vermelho, com máscara de lobo, com decorações para as casas. A história acontece dentro de uma casa, em

² Grupo formado por Ana Cláudia, Bruna Antunes, Cláudia Fialho e Patrícia Rodrigues.

que a mãe fala (oraliza) para a filha (surda) e lhe pede para levar uma cesta de comida para vovó, seguindo o mesmo caminho, sem sair dele. Chapeuzinho Vermelho entende e sai; enquanto isso, o lobo está no meio das árvores, espiando e aparece de repente, fazendo-a parar e começa a conversar usando língua de sinais. Ele perguntou a Chapeuzinho Vermelho: “Para onde vais?” Ela ficou surpresa com o fato do Lobo saber língua de sinais, então disse que estava indo para casa da vovó. Lobo disse que o melhor era seguir outro caminho; Chapeuzinho Vermelho seguiu seu conselho. Enquanto isso, o Lobo entrou na casa, pegou a vovó e a colocou no armário. O Lobo vestiu a roupa da vovó e ficou deitado na cama. Quando Chapeuzinho Vermelho chegou, ficou surpresa ao ver que “vovó” sabia a língua de sinais para se comunicar com ela. Então, segue o seguinte diálogo:

CV.- Por que está diferente seu rosto?

Lobo – Estou doente.

CV - Por que orelha comprida?

Lobo – Porque antes escutava som alto, orelha aumentou e perdi um pouco de audição.

CV - Por que nariz comprido?

Lobo – Porque antes cheirava muita comida, por isso, aumentou e fiquei doente.

CV - Por que os dentes grandes?

Lobo – Porque... quero comer você!

O lenhador ouviu os gritos do Lobo, entrou na casa da vovó e descobriu tudo. Todos ficaram a salvo e ninguém foi preso. Assim, vê-se que, na adaptação, Chapeuzinho Vermelho e Lobo são surdos, o lenhador é intérprete de língua de sinais e vovó é ouvinte, que não sabia se comunicar na língua de sinais. Os surdos conversam, enquanto o intérprete de língua de sinais (o lenhador) passa a informação para vovó, que também aprende a sinalizar.

Tema: Três Porquinhos e um Lobo. (Fig. 2)³ – Adaptação



Figura 2: Cenas de “Três Porquinhos e um Lobo” (Grupo 5)

³ Grupo formado por André Paixão, Bianca Pontin, Cláudio Mourão, Marcelo Lemos e Roger Prestes.

O grupo se apresenta através de dramatização num cenário ao ar livre com figurinos do início até o fim, com a utilização de narizes de porcos e um nariz de lobo. Na história, havia três porquinhos surdos que viviam felizes. Um deles, fluente em Língua de Sinais (LS), comentou que estava preocupado com os estudos. O outro, que usava gestos, comentou que estava com fome. Entre os três porquinhos, o do meio fazia a mediação na comunicação entre eles. A mãe porca chamou os porquinhos para o almoço e, depois, se despediu dos seus filhos, dizendo:

- Sentirei saudades! Cada um siga seu caminho com a responsabilidade de construir sua própria casa. Qualquer coisa, me avisem! Como? O primeiro porquinho (Gesto) venha a pé até aqui, o segundo porquinho mande carta e o porquinho fluente em língua de sinais envia um email ou mensagem de celular, ok?

Os porquinhos concordaram e partiram pela floresta em busca de um bom lugar para construírem suas casas. O primeiro porquinho (Gesto) construiu sua casa com palha, enquanto o Lobo, escondido, observava. Ele descansava na casa quando, de repente, o Lobo bateu à porta várias vezes, mas ele não atendeu. Logo, o Lobo percebeu e tocou a campainha que fez a luz piscar. O porquinho atendeu a porta e o Lobo disse (sinalizou):

- Oi, meu nome é L-O-B-O, meu sinal é esse.

O Porquinho Gesto não entendeu, pois desconhecia a Língua de Sinais, e o Lobo respondeu:

- Minha mão é perigosa.

E o Porquinho Gesto colocou o dedo no nariz e mostrou para Lobo.

- Assim?!

O Lobo ficou furioso, dizendo que ele não sabia se comunicar em Língua de Sinais. As mãos “sopraram”, a casa de palha caiu e o porquinho desesperado correu em direção à casinha de madeira de um irmão porquinho (SC)⁴, explicando com gestos, meio confuso. Em seguida, o Lobo tocou a campainha luminosa e o porquinho Gesto ficou tremendo de medo quando percebeu quem estava na porta.

Então, o porquinho (SC) atendeu a porta com calma e o lobo disse (sinalizou):

- Quero falar com o porquinho Gesto!

O porquinho (SC) respondeu:

- Sinaliza devagar, pois não entendo rápido.

O Lobo, furioso, sinalizou devagar:

- Quero falar com ele!

⁴ Sinais caseiros

Assim, o Lobo percebeu que os porquinhos não sabiam Língua de Sinais e fez as mãos “soprarem” com força; eles correram na direção da casa de tijolos do seu outro irmão porquinho - LS, que tinha de tudo, como notebook, internet, TV LCD e outras tecnologias.

Os dois porquinhos explicaram tudo com gestos. Na casa de tijolos, quando piscou a campainha, os porquinhos ficaram tremendo enquanto o porquinho LS sinalizou:

- Confiem em mim. Calma!

E atendeu a porta, perguntando quem era.

O Lobo sinalizando rápido disse:

- Oi, meu nome é L-O-B-O e meu sinal é esse.

O porquinho LS sinalizou:

- Oi, tudo bem! Meu nome é P-O-R-Q-U-I-N-H-O e meu sinal é esse.

O Lobo ficou surpreso ao ver que ele sabia Língua de Sinais. Então, o porquinho LS sinalizou:

- O que você quer?

O Lobo respondeu:

- Quero conversar com eles!

O porquinho LS respondeu:

- Hum! Pode falar que eu interpreto para você.

E Lobo sinalizou:

- Não, quero falar diretamente com eles, pois eles não sabem Língua de Sinais.

Hahah...

O porquinho LS disse:

- Olha, eles não sabem, mas tenha respeito! Então, por que não escreve em português?

- Hum! Não sei escrever! disse o Lobo.

O porquinho LS respondeu:

- Sinto muito!

O Lobo ficou furioso e os dois começam a discutir irritados. O porquinho LS defendeu os irmãos porquinhos. Logo no início da discussão, sinalizaram devagar, como em câmera lenta. Finalmente, o Lobo perdeu a discussão na sinalização. Percebeu que o porquinho LS tinha mais competência e riqueza linguística, por isso resolveu ir embora. Os porquinhos ficaram alegres e dançaram em roda. O porquinho LS disse que iria ensinar seus irmãos a serem fluentes em Língua de Sinais e eles concordaram.

Tema: Paixão dos Gatos (Fig. 3)⁵ – Adaptação



Figura 3: Cenas de “Paixão dos Gatos” (Grupo 9)

O grupo apresenta uma contação individual, cenário fixo e com ilustrações. Na história, um gato estava deitado sem fazer nada, enquanto sua mãe limpava a casa. Então, o gato resolveu sair de casa. No caminho, havia muitos restaurantes e lojas. De repente, o gato viu uma gata linda através do vidro, uma vendedora de uma loja de CDs (músicas), e, por ter se apaixonado, resolveu entrar na loja. A gata (a vendedora) o atendeu e começou a falar, mas o gato apontou um CD para levar e nem abriu a boca para responder, porque ele era surdo. A gata não percebeu e pegou o CD que ele pediu. Fez o pacote para presente, entregou e ele foi embora. No dia seguinte, o gato voltou à loja e, do mesmo jeito do primeiro dia, apontou outro CD para levar, porque estava apaixonado pela gata. O gato voltou à loja várias vezes para comprar CDs pelo mesmo motivo, mas não dizia que estava apaixonado. A mãe do gato percebeu e perguntou o que estava acontecendo. Ele explicou que estava apaixonado por uma ouvinte, mas como ia se comunicar com ela? Ela deu a dica para que ele escrevesse mensagens para o celular. Em outro dia, o gato foi até a loja e deixou um bilhete com o número do seu celular na mesa da gata e, sem que ela percebesse, foi embora. Quando a gata viu, ficou surpresa e ligou para ele. Ele recebeu ligação e não atendeu por medo dela descobrir que ele era surdo. A gata ligou várias vezes durante muitos dias até a mãe do gato atender. A gata estranhou a voz feminina e perguntou:

- Quem é você?

A mãe respondeu:

- Sou a mãe dele.

A vendedora disse:

- Posso falar com ele?

E a mãe disse:

- Desculpe, ele faleceu anteontem porque tinha câncer.

A vendedora disse:

- Ah! Por que ele não atendeu, liguei várias vezes?

A mãe respondeu:

⁵ Grupo formado por Carolina Sperb, Caroline Garcia, Carlos Oya, Cristiano Vaz e Luciana Vaz.

- É mesmo? Desculpe, ele era surdo. Você que trabalha na loja CDs?

A vendedora afirmou:

- Sim!

E a mãe disse:

- Ele pedia para você mandar mensagem para ele.

E a vendedora disse:

- Ah...

E desligou! A mãe do gato achou estranho e resolveu ir até o quarto do filho. Abriu o armário e encontrou um monte de pacotes de CDS sem abrir. A mãe abriu os presentes e descobriu que tinha vários bilhetes da gata dizendo que queria conhecê-lo.

Tema: A Cigarra e as Formigas (Fig. 4)⁶ - Tradução

Autor: Monteiro Lobato



Figura 4: Cenas de “A Cigarra e as Formigas” (Grupo 6)

A história é apresentada por uma pessoa (contação individual), com cenário fixo e ao ar livre, sem ilustrações. São duas versões: uma que traz a fábula com a formiga boa e outra, com a formiga má.

Na primeira história, as formigas trabalhavam carregando “comida” pelo caminho. Em uma árvore, havia uma cigarra tocando violino. E tocava muito bem; bem suave. As formigas gostavam da música, pois ela as acalmava enquanto levavam toda aquela comida para guardarem para o próximo inverno. A cigarra não trabalhava; nem tinha casa própria. No dia em que o inverno chegou, a cigarra sentiu frio e foi até a casa das formigas pedindo para ficar lá, porque elas tinham casa para se proteger do frio e também comida. A formiga que atendeu a porta perguntou: - O que você faz? E a cigarra respondeu: - Eu só sei tocar violino. A formiga respondeu que todas as formigas gostavam muito de sua música e isso ajudava a relaxar e evitar o estresse delas enquanto trabalhavam. Então, elas aceitaram que a cigarra

⁶ Grupo formado por Carilissa Alba, Daniel Romeu, Diogo Madeira e Valéria Scangarelli

ficasse na casa até acabar o inverno. A cigarra teria, então, que tocar música até que virasse uma festa dentro da casa das formigas.

Na segunda versão, temos a personagem formiga “má”. O início é semelhante, mas as formigas não gostam da música da cigarra, porque incomodava enquanto elas pegavam comida para guardar para o inverno. No dia que chegou o inverno, as formigas tinham sua própria casa e sua comida. A cigarra sentiu frio e, ao procurar comida, não encontrou nada. Quando vai à casa das formigas e pergunta se podia ficar lá durante o inverno, uma delas, que não gostava da cigarra, respondeu que não, porque não gostava de sua música, que ela se virasse e ficasse na rua; fechando a porta na cara dela. A cigarra ficou na rua, desesperada até sua morte. As formigas ficaram em casa e fizeram a maior festa.

Na comparação entre as histórias, vê-se que a primeira evidencia a gratidão, e a segunda traz um exemplo de ingratidão.

Após apresentar o roteiro das três adaptações e uma tradução escolhida, faço uma síntese das características gerais do processo de produção literária, assim como busco elementos para analisar o uso da língua de sinais e os recursos expressivos utilizados.

Chamo a atenção para o fato de que os próprios surdos produziram e construíram o processo de trabalho pela filmagem, considerando que não são atores profissionais, mas alunos com vontade de aprender. Verifiquei que a maioria dos grupos utilizou ilustrações dos livros adaptados. Embora alguns livros tivessem texto escrito em português, ao contar as histórias, os surdos não focalizaram o texto escrito, só utilizando as ilustrações, como uma forma de leitura da imagem e como base para dar continuidade à narrativa.

Frequentemente, se afirma que os surdos usam a visão para entender e compreender os significados, mas se esquece de que não somente os surdos fazem isso; também as crianças (e adultos) ouvintes com pouca instrução fazem isso com livros. Igualmente, as crianças surdas usam visualizar as ilustrações enquanto os pais ou professores contam (sinalizam) as histórias. Dessa forma, elas podem refletir, desenvolver a imaginação, conhecer histórias de mistérios, aventura... Tanto os surdos como os ouvintes têm as mesmas oportunidades: a diferença está na língua.

Por último, não há legendas em Língua Portuguesa nos vídeos, pois a língua própria dos surdos é usada para contar a história. Como o foco do trabalho era a Literatura Surda, o público deveria conhecer Libras para acompanhar a história. Também destaco a presença de personagens surdos na maioria das histórias contadas pelos grupos. Dos quatro grupos focalizados, em três deles existe no mínimo um personagem surdo; em um grupo, toda a família é surda.

Este é um exemplo de que os surdos, de maneira geral, reconhecem a importância da literatura, que propicia sentimentos, emoção e reflexão, e fizeram adaptações considerando elementos da cultura surda dando importância à identidade surda.

Trazendo as entrevistas...

Inicialmente, enviei um convite para participação na pesquisa e também algumas questões que abririam a discussão, em Libras, pois todos os alunos usam a Libras como primeira língua. Usei os recursos de *webcam* através de meu notebook; sinalizei tudo para explicar aos colegas sobre a pesquisa e apresentei as seguintes perguntas.

- *Vocês se lembram de como foi organizado o grupo?*
- *Como se deu a construção desta atividade?*
- *De onde surgiu a idéia principal, como esta foi expressa para o grupo?*
- *Outras coisas que vocês queiram relatar sobre a atividade.*

Analisei e comparei as respostas, para conhecer como os alunos trabalharam e as ideias que surgiram em seus grupos. Então, vamos ver algumas respostas, em relação a algumas perguntas escolhidas.

Sobre a questão: **Como se deu a construção desta atividade?** as respostas mostram que cada grupo construiu a adaptação de forma diferente. A partir de uma idéia inicial do grupo, foram acrescentando outras para construir a adaptação. A maioria dos alunos estudou em escolas de surdos, bilíngues, e principalmente encontram surdos em associações de surdo, convivendo com a sua comunidade. Também sabem como organizar e constituir grupos, através da experiência que tiveram em colaborar ou trabalhar em vários eventos como seminários, esportes, educação, assim como obter conhecimento através de leitura ou informações, principalmente no curso de Letras/Libras. Assim, podemos ver que eles tiveram experiências de construção da identidade cultural, através de letramento cultural⁷.

O grupo que fez a adaptação do conto de fadas Chapeuzinho Vermelho se preocupou em apresentar a história através de personagens surdas, ligando ideias à identidade surda e

⁷ Letramento cultural – significa o conhecimento dos valores, história, herança e experiências compartilhadas do povo surdo. Isso foi feito pelo currículo de ASL (Silveira 2006, p. 55)

esclarecendo sinalização para que as crianças surdas ou adultos surdos tivessem entendimento durante a narrativa no vídeo. Cito o que o grupo comentou: *Nós escolhemos esta história que tem personagens fortes diretamente em uso de LIBRAS, que existem expressões e movimentos.*

Podemos ver que existe preocupação em melhorar a educação de surdos, como no exemplo acima; isso significa que se usa Literatura Surda e se produzem representações sobre surdos e sobre a língua de sinais, dentro de um círculo com resultado de empoderamento cultural. É uma preocupação que existe no Brasil e também em outros países, em relação à educação de surdos.

Uma aluna de um grupo se preocupou com a questão da produção literária para crianças surdas, já que a maioria das produções literárias é voltada para ouvintes, que trazem representações de surdos ligadas com a deficiência, falta, incapacidade. Cito o que uma surda comentou:

Eu penso em como criar maneiras para que, no ensino de crianças surdas possa haver o despertar para essa literatura. Trabalhar com fábula, conto, contos de fadas, todos esses tipos de textos são muito interessantes e me dão muito o que pensar, o que pesquisar em termos de subjetividade. Essa literatura traduzida para os surdos, quando adaptadas à maneira deles pensarem, me interessa muito. Também o que desperta o meu interesse é a questão do que é criado, as idéias que partem da comunidade surda. (...) da Rapunzel e da Cinderela surda, então, isso é criação dos surdos, é o que desperta nas crianças essa admiração e faz com que eles se apropriem do que está sendo apresentado, compreendendo que, como surdos, também são capazes.

Quanta à preocupação com os figurinos e filmagem, dois grupos afirmaram buscar equipamentos, cenários e figurinos para relacionar narrativa e cenário. Percebi que queriam qualidade de vídeo, figurinos, até se preocuparam com a iluminação. Eles tiveram experiências através de estudos ou escolas, tal como teatro, edição de vídeo, sites e outros. Veja o que os grupos comentam:

- **Grupo de Três porquinhos...:** *Antes de realizarmos as filmagens, foi necessário procurarmos nas lojas a máscara em forma de nariz do porco e do lobo, para igualar a cor de todos os porcos como identificação, tivemos que comprar também as camisetas de cor rosa.*
- **Grupo do Paixão de Gatos:** *Foi muito trabalho, porque não tinha um local adequado para filmar, utilizamos um quarto de casal, penduramos lençol na parede e ajustamos o abajur para ficar bem claro, infelizmente o efeito de luz não deu bem, ficou um pouco escuro, mas mesmo assim filmamos.*

Analiso a seguir as respostas à questão: **De onde surgiu a idéia principal, como esta foi expressa para o grupo?** Em cada grupo surgiram respostas diferentes.

Um destaque relevante de um dos grupos foi a ideia de convidar a desenhista Maristela Alano, surda, conhecida da comunidade surda gaúcha. O grupo pediu que ela fizesse as ilustrações, que ficaram perfeitas e esclareciam a expressão, proporcionando entendimento através da leitura da imagem; depois eles fizeram filmagem e realizaram uma emocionante narrativa. Perguntei a uma colega do grupo sobre de onde tinham retirado a história *Paixão dos Gatos* e se consideravam adaptação ou criação. Ela respondeu que foi uma adaptação, baseada em uma história sobre pessoas, e que o grupo resolveu mudar um pouco o enredo. Informou também que recebera a história por email e que o autor era desconhecido.

Sobre identidades surdas, relembro que cada sujeito da comunidade surda tem identidade diferente, mesmo como sujeito surdo, apresentando marcas de territórios ou variações regionais; como exemplo, tivemos os personagens três porquinhos representando identidades diferentes. Nesse grupo, os alunos tiveram a idéia de adaptar texto mostrando essa diversidade: *Para cada porquinho atribuímos diferentes identidades dos surdos, onde um só sabe de gestos referindo-se a ausência ou pouco contato de LIBRAS, outro que teve aquisição pobre e/ou tardia da língua de sinais e por último, o outro porquinho que é fluente e bem desenvolvido na língua.*

Por último é relevante destacar que três grupos enfatizaram o uso de língua de sinais e com isso buscaram mostrar empoderamento – ao manter em pé as árvores, as mãos abriam como se fossem folhas abertas e logo fechavam as mãos como se fossem manter raízes eternamente. Vejam abaixo o que comentaram:

- **Grupo de Chapeuzinho Vermelho:** (...) *por isso nós discutimos e inventamos para adaptação em uso de LIBRAS.*
- **Grupo de A Cigarra e as Formigas:** *Exatamente as mãos que é um vínculo da nossa comunicação.*

A última questão direcionada aos grupos foi sobre **Coisas que vocês ainda queiram relatar sobre a atividade.** Meu objetivo era identificar as novidades, verificar sugestões, críticas e comentários, pois cada sujeito foi adquirindo aprendizagens e o processo de constituição do conhecimento seguiu caminhos diferentes. Três grupos foram semelhantes em suas respostas, pois contaram que organizaram cenário, espaços adequados, filmagem e figurinos e todos afirmaram ser isso indispensável por causa da qualidade do vídeo. Eles

aprenderam, por exemplo, com os erros, a como editar o vídeo, a posição, etc.; depois, relataram que sabiam melhor ainda e houve melhora na qualidade de vídeo.

- **Grupo de Chapeuzinho Vermelho:** *Coisas que queríamos relatar: fantasia oficial, imagem perfeita e lugar na praça que combina Chapeuzinho Vermelho. Queremos as roupas lindas de Chapeuzinho, vovó e loboziinho, filme perfeito (nossas câmeras são fracas), imagens perfeitas, escolhemos praça mais bela e dia claro. Precisamos usar lugar como floresta.*
- **Grupo de Paixão dos Gatos:** *Nós grupo achamos que precisamos ter um espaço próprio para filmar, ou seja, um estúdio onde possamos filmar com as luzes bem claro para podermos trabalhar corretamente.*

Mais um comentário! Acredito que existe algo divertido e prazeroso no processo de produção de vídeos, na organização do cenário, durante os intervalos, com o fato de tirar fotos ou brincar, com as falhas humanas durante a filmagem, tais como na sinalização, posição, figurinos, tempo, ensaios e risos decorrentes. Pesquisar e fazer o roteiro, a produção, a iluminação, trabalhar pela equipe produz confiança; isso é algo novo para o grupo. Cito relato do grupo de Três Porquinhos... : *A filmagem foi realizada várias vezes durante toda a tarde, pois tivemos várias falhas, erros, esquecimentos, confusões, etc. A experiência foi ótima, nos divertimos trabalhando juntos!*

E outro importante registro foi a referência à produção de livros; como expliquei anteriormente, são poucos os registros publicados de Literatura Surda. Os entrevistados consideram relevante ter modelos, como professor surdo e língua própria, sendo exemplos para as crianças surdas. Veja a opinião de um grupo:

Queremos deixar aqui escrito que a literatura surda brasileira tem muito a construir, pois são poucos os materiais manualmente, pois na escola não seria bom só ter vídeos em sinais, sim os livrinhos com desenhos, escrita em língua portuguesa, sw (Sign Writing⁸) e mais os sinais no livrinho. Assim, é mais fácil às crianças, pois nos vídeos é um pouco difícil para as crianças acompanhar!

Esse último comentário pode ser porque se trata de vídeo para adulto surdo, e seria difícil de ser compreendido pelas crianças surdas. É importante saber que, em todos os casos, existem níveis diferentes como público alvo, e se deve ter claro nos vídeos o endereçamento para diferentes grupos, como atores ou professores ouvintes que usam materiais adequados

⁸ Escrita de Sinais

para diferentes públicos. Livros e vídeos são fundamentais para construir as identidades surdas e ajudar no processo de reflexão. Cito Silveira (2006, p. 56):

(...) aqui no Brasil tem pouca mídia de surdo, como vídeo de Literatura Infantil e Surda, poesias, livros para educação de surdos, não apenas bibliografia para pesquisa, mas também para escolas, onde estão as crianças surdas, para as quais esses livros são importantes para mostrar a construção identidades. (...) tem pouco material em outras mídias, na Perspectiva Surda, o que dificulta trabalhar com as crianças surdas. (...) há pouco vídeos, como “As Aventuras do Pinóquio em LSB” com Nelson Pimenta. Nas férias escolares, as crianças surdas vão para casa, onde estão suas famílias ouvintes, e como podem continuar sua vivência de Língua de Sinais, Cultura Surda, etc? Nesse sentido, a mídia pode ajudar, (...)

Os grupos afirmaram se preocupar em trabalhar com as crianças surdas, e também querem evitar que se percam os registros das histórias. Na escola de surdos onde há materiais e livros da Literatura Infantil e Surda, principalmente vídeo em língua de sinais, as crianças aumentam vocabulário, desenvolvem a imaginação e compreensão de narrativas, constroem significados e desenvolvem práticas de leituras, adquirem rapidamente a língua de sinais e incorporam a cultura surda.

Assim como antes eu não sabia que existia Literatura Surda e isso motivava falta de autoestima e aquisição de conhecimentos... imagina se as crianças surdas de hoje também desconhecessem Literatura Surda? De forma semelhante, cito o depoimento de outro grupo: *Temos muito interesse, antes nem sabia que tinha literatura surda só sabia literatura própria de ouvintes e mais tarde descobri que tem literatura surda.*

Considerações finais

Depois da apresentação desse breve trabalho, em que trouxe alguns exemplos de literatura surda e as opiniões e sentimentos de surdos que fizeram as produções, faço pequenos comentários.

Para povo surdo e comunidade surda, em décadas passadas, tudo era sinalidade, passando e repassando histórias de geração a geração; finalmente, surgiram os sistemas de escrita e os recursos tecnológicos (fitas de vídeo/DVD), e livros e acervo podem ir para bibliotecas e universidades, com comprovação, registro e segurança. Esta é uma vantagem da época atual.

Percebi que os grupos, que apresentaram obras analisadas, estão cada vez mais empenhados na produção de um trabalho com qualidade visual e focalizado na Libras; também querem ampliar, aumentar a circulação e produção de livros ou vídeo da Literatura

Surda. Cada um identifica uma forma de trabalho, um objetivo e público-alvo. Vejo que a preocupação dos grupos está ligada a uma proposta de articular seu contexto de experiência visual e sinalização, principalmente favorecendo a compreensão (tradução), entendimento e reflexão.

No curso de Letras/Libras, disciplina de Literatura Surda, aconteceram momentos importantes de aprendizagem da forma discursiva literária. Esses discursos atravessam diversas fronteiras, levando ao reconhecimento e valorização da cultura surda. Lembro que a forma de representação surda sempre ocorre “coletivamente” ou “face a face” (duas pessoas), onde são produzidos significados partilhados, que entram em circulação e consumo.

Cito, para nossa reflexão, as palavras de Karnopp, (2010, p. 172) quando analisa histórias feitas por surdos:

Dos materiais analisados, percebe-se que surdos contadores de histórias buscam o caminho da auto-representação na luta pelo estabelecimento do que reconhecem como suas identidades, através da legitimidade de sua língua, de suas formas de narrar as histórias, de suas formas de existência, de suas formas de ler, traduzir, conceber e julgar os produtos culturais que consomem e que produzem.

Percebo que é crescente a produção de Literatura Surda, com os sujeitos surdos trazendo suas narrativas e registros. Assim, espero que, futuramente, quando todos visitarmos bibliotecas públicas no território nacional, possamos pegar livros ou vídeos, em que abrindo a primeira página, possamos ver com nossos próprios olhos os nossos registros e, como efeito, circule nosso sangue com velocidade rápida, com neurônios elétricos, com pele em emoção, olhos brilhantes e lágrimas caindo no rosto, isto é, são ouros de Literatura Surda!

Referências:

BISOL, Cláudia. *Tibi e Joca: uma história de dois mundos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

COUTO, Cleber. *Casal Feliz*. Ilustrações: Cleber Couto, Belém – Pará, 2010.

KARNOPP, Lodenir. *Literatura Surda*. Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

MOURÃO, Cláudio; SILVEIRA, Carolina. *LITERATURA INFANTIL: música faz parte da cultura surda?* Anais do Seminário Nacional: EDUCAÇÃO, INCLUSÃO E DIVERSIDADE – Taquara/RS: FACCAT - Faculdades Integradas de Taquara, 2009. CD-ROM.

ROSA, Fabiano Souto; KARNOPP, Lodenir Becker. *Patinho Surdo*. Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

_____. *Adão e Eva*. Canoas: Ed. ULBRA, 2005

SILVEIRA, Carolina Hessel. *O currículo de Língua de Sinais na Educação de surdos*. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

SILVEIRA, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir Becker. *Cinderela Surda*. Canoas: Editora Ulbra, 2003.

_____. *Rapunzel Surda*. Canoas: Editora Ulbra, 2003.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a Cultura Surda*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

SUTTON-SPENCE, Rachel; QUADROS, Ronice Müller. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. In: QUADROS, Ronice Müller (org.). *Estudos Surdos I*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

WILCOX, S., & WILCOX. P. P. *Aprender a ver*. Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2005.